

**POESIA NÁUATLE OU POESIA EM NÁUATLE?
BREVE ANÁLISE DO DISCURSO DE GARIBAY SOBRE
OS CANTARES MEXICANOS¹**

**¿POESÍA NÁHUATL O POESÍA EN NÁHUATL?
BREVE ANÁLISIS DEL DISCURSO DE GARIBAY SOBRE
LOS CANTARES MEXICANOS**

**NAHUATL POETRY OR POETRY IN NAHUATL?
BRIEF ANALYSIS OF GARIBAY'S DISCOURSE ON
THE CANTARES MEXICANOS**

SARA LELIS DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (BRASIL)

Resumo

Ángel María Garibay Kintana, padre, filólogo e tradutor mexicano, consolidou uma parte da tradição oral de povos Nahua sob o conceito de “poesia náuatle”. Este artigo apresenta uma breve análise de seu discurso em duas de suas obras, *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54) e *Poesía Náhuatl* (1965), para compreender o processo de emprego da referida categoria ocidental em cantos pré-hispânicos que, após sua transliteração para o alfabeto latino, conformaram o manuscrito *Cantares mexicanos*. Em con-

¹ Este artigo forma parte de minha tese doutoral, intitulada “Tradução dos *Cantares mexicanos*: arqueologia de cinco cantos Nahua”, defendida e aprovada em junho de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

clusão, constata-se que Garibay, apesar de ter identificado uma linguagem diferenciada nos cantos mediante tradução para o espanhol, comprova apenas a existência de uma poesia em náuatle. **Palavras-chave:** Ángel María Garibay Kintana, *Historia de la Literatura Náhuatl*, *Poesía Náhuatl*, *Cantares mexicanos*, poesia náuatle.

Resumen

Ángel María Garibay Kintana, padre, filólogo y traductor mexicano, consolidó una parte de la tradición oral de los pueblos nahuas bajo el concepto “poesía náhuatl”. Este artículo presenta un breve análisis de dos obras suyas, *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54) y *Poesía Náhuatl* (1965), para comprender el proceso de empleo de dicha categoría occidental en cantos prehispánicos que, tras su transliteración al alfabeto latino, conformaron el manuscrito *Cantares mexicanos*. En conclusión, se constata que Garibay, a pesar de haber identificado un lenguaje diferenciado en los cantos mediante traducción al español, comprueba solamente la existencia de una poesía en náhuatl.

Palabras clave: Ángel María Garibay Kintana, *Historia de la Literatura Náhuatl*, *Poesía Náhuatl*, *Cantares mexicanos*, poesía náhuatl.

Abstract

Ángel María Garibay Kintana, priest, philologist and Mexican translator, consolidated a part of the oral tradition of the Nahuatl peoples under the concept of “Nahuatl poetry”. This article presents a brief analysis of his discourse in two of his works, *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54) and *Poesía Náhuatl* (1965), in order to understand the process of using this western category in pre-Hispanic songs that, after its transliteration for the Lat-

in alphabet, conformed the manuscript *Cantares mexicanos*. In conclusion, it is verified that Garibay, despite having identified a different language in the songs through translation into Spanish, only proves the existence of poetry in Nahuatl.

Keywords: Ángel María Garibay Kintana, *Historia de la Literatura Náhuatl*, *Poesía Náhuatl*, *Cantares mexicanos*, Nahuatl poetry.

As primeiras traduções diretamente do náuatle clássico dos *Cantares mexicanos*, manuscrito colonial conservado na Biblioteca Nacional do México (BNM), ocorreram no México, no século XX, em um período da história do país no qual a forma de dar a conhecer o passado pré-hispânico, em relação aos séculos anteriores, passava por uma profunda transformação. O filósofo mexicano Luis Villoro (1922-2014), em 1950, classifica em três períodos históricos as diferentes leituras:

- i) ... la cosmovisión religiosa que España ofrece al Nuevo Mundo;
- ii) la del moderno racionalismo culminante en la ilustración del siglo XVIII y en el “cientismo” del siglo XIX;
- iii) una nueva orientación y preocupación histórica y social que culmina en el indigenismo contemporáneo. (Villoro 15)

Para o primeiro momento, ele destaca as figuras de Hernán Cortés e Frei Bernardino de Sahagún como os principais autores do discurso colonial, o qual dava a conhecer parte do universo da Mesoamérica mediante modalidades de conhecimento associadas ao domínio. O segundo momento é subdividido em três eta-

pas: o humanismo ilustrado do século XVI, independência e historiografia cientificista do século XIX. O terceiro, do indigenismo do século XX, Villoro caracteriza como um momento de tomada de consciência em progresso sobre a cultura mexicana. Não cita um representante apenas, mas todos os pesquisadores que estão empenhados na valorização das culturas originárias e em torná-las conhecidas desde outras perspectivas, em compreendê-las desde sua própria cosmovisão e sua própria língua no afã de ressaltar seu rico complexo cultural.

O historiador mexicano Enrique Florescano, em 1990, alega que a referida tomada de consciência foi motivada por uma forma de construção do conhecimento a partir de considerações de índole epistemológica, engendradas no âmbito da antropologia mexicana após a Revolução de 1910:

El logro mayor de la antropología que surgió de la Revolución de 1910, y uno de los más importantes de las ciencias sociales del siglo XX, fue haber creado una concepción antropológica que reconoció el carácter original de las diversas culturas mesoamericanas, y a partir de este reconocimiento discurrió enfoques idóneos para comprender su desarrollo dentro de sus propios marcos históricos y culturales. Manuel Gamio, Alfonso Caso, Miguel Othón de Mendizábal y un puñado de pioneros sin títulos académicos crearon una nueva dimensión de la antropología para estudiar el desarrollo de las culturas mesoamericanas y fundaron las instituciones, las disciplinas, las escuelas, los museos, las bibliotecas y los laboratorios para realizar esta tarea de manera sistemática y progresiva. Esta época fundadora sembró las bases de la arqueología científica, propuso un análisis global de las culturas mesoamericanas y promovió un diálogo constante entre la arqueología, la historia y la etnología para examinar el desarrollo de las antiguas civilizaciones. (Florescano 32)

Reconhecer o caráter original das diversas culturas mesoamericanas condicionou uma perspectiva epistemológica situada nos valores próprios dos povos mesoamericanos, bem como requereu um olhar diferenciado sobre as construções do conhecimento pré-hispânico e suas transformações ao longo dos séculos, desde o período colonial.

Nesse empenho, vários etnógrafos e antropólogos no início do século XX, em trabalho de campo, conforme identifica o historiador estadunidense James Lockhart (1933-2014), “[...] encontraron (por lo común en zonas relativamente aisladas) evidencia irrefutable de la supervivencia de distintas características, entre ellas las creencias religiosas, las relaciones de parentesco, las prácticas médicas y la cultura material” (Lockhart 13). Nesse ínterim, o enfoque dos investigadores da Mesoamérica centrou-se em dar maior importância ao conhecimento dos povos originários desde a concepção desses indivíduos.

O período de maior produção de conhecimento —não necessariamente acadêmico—, nessa perspectiva de revisão da postura quanto ao tratamento das culturas mesoamericanas, ocorreu nas décadas de 1940 e 1950 e seguia uma ideologia nacionalista que resultou em uma rica fonte de reflexões teóricas por pressupor bases epistemológicas distintas da ciência dos países hegemônicos. Segundo o antropólogo e etnógrafo mexicano Andrés Medina, isso ocorreu “no sólo porque el proceso histórico del que forma parte muestra otra cara del colonialismo, sino porque también responde a necesidades que tienen como una de sus causas principales la existencia de una acentuada diversidad étnica” (Medina 24).

As duas referidas décadas foram um período de vários e novos estudos sobre a Mesoamérica, os quais se distinguiram pela participação de outras especialidades além da antropologia, da arqueologia, da etnologia e da história:

Bajo este impulso, en las décadas de 1940 y 1950 se realizaron exploraciones arqueológicas en las principales zonas del país, se estableció la cronología de los distintos períodos del desarrollo mesoamericano (Preclásico o Formativo, Clásico y Postclásico), se acuñó el concepto de Mesoamérica (P. Kirchhorff, 1943), salió a la luz el esplendor arquitectónico y la diversidad de las culturas que poblaron nuestro territorio (olmeca, zapoteca, teotihuacana, maya, tolteca, náhuatl, etcétera), y se fundaron las especialidades para estudiar cada una de ellas. [...]. Con ese aliento se publicaron las primeras obras maestras del siglo XX. (Florescano 32-33)

Destacou-se, no âmbito desses novos estudos, a área da filologia para realizar investigações através de documentos coloniais, desencadeando nos anos seguintes uma série de pesquisas também desde outras disciplinas com vistas à compreensão do passado pré-hispânico a partir das línguas originárias. Um dos pioneiros no trabalho com documentos coloniais foi Ángel María Garibay Kintana (1892-1967), padre mexicano também conhecido por ser filólogo e tradutor de várias línguas, e autor das primeiras traduções de manuscritos em náuatle clássico, entre eles os *Cantares*.

Segundo estudo do pesquisador mexicano Alberto Herr Solé (1992), a primeira tradução dos *Cantares* tem seu registro em 1937, com a publicação de alguns cantos na *Ábside*², revista de cultura mexicana de viés católico e humanista fundada no mesmo ano com o objetivo de propagar e valorizar o pensamento literário do país desde o período pré-hispânico até o contemporâneo.

2 A revista *Ábside* publicou seus números entre os anos 1937 e 1979, os quais não foram encontrados para acesso na Biblioteca Central da Universidad Nacional Autónoma de México e tampouco na Biblioteca Digital Nacional de México.

A segunda publicação, de outros cantos inéditos, também é de autoria de Garibay na revista *Ábside* em 1939. Em 1940, publica a tradução de 49 cantos na obra *Poesía indígena de la Altiplanicie*, alguns inéditos e outros já publicados na *Ábside*. Em 1953, o padre mexicano publica o primeiro de dois tomos de *Historia de la Literatura Náhuatl*, utilizando-se de estrofes e versos dos *Cantares* como exemplo de poesia lírica, e contribuindo, ao lado de outros manuscritos classificados sob outros gêneros, para a consolidação da chamada Literatura Náuatle, interpretação proposta para tradições orais Nahuatl registradas em náuatle clássico. Os primeiros discursos que acompanharam a tradução de cantos e outras artes verbais em náuatle clássico para o espanhol envolveram o emprego do conceito “literatura”. Segundo o historiador mexicano Miguel León-Portilla (1926-2019), começaram a empregá-los nos cantos os jesuítas Antonio del Rincón (1566-1601) e Horacio Carochi, e posteriormente a poeta e freira mexicana Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), quando utilizou os *Cantares* como fonte de inspiração na composição de suas poesias³ (León-Portilla 168-169).

No entanto, somente no século XX o conceito “literatura” consolida-se, com o trabalho de Garibay, que emprega o referido termo de duas maneiras opostas em duas introduções às suas primeiras traduções. Na primeira, em *Poesía indígena de la Altiplanicie*, Garibay afirma logo no início que a utilização de “literatura” para as tradições Nahuatl cultivadas oralmente e em escrita pictográfica é um atentado à etimologia da palavra:

Atentado a la etimología es hablar de una literatura azteca.
Esfuerzos habían hecho, y muy ingeniosos, las culturas

3 James Lockhart contesta se a poeta, de fato, serviu-se das tradições Nahuatl em seus poemas, pois enquanto a estrutura obedece à organização poética em náuatle, o conteúdo apresenta distorções culturais (567).

prehispánicas para fijar sobre la piedra o el papel sus pensamientos: no llegaron, sin embargo, a descubrir el alfabeto que les permitiera fijar la palabra misma. Ideogramas simbólicos, algunos muy estilizados y cercanos al fonetismo, pero no letras, les sirvieron de vehículo de sus ideas. (Garibay ix)

Ele não explica a origem de sua afirmação e não discorre sobre ela, mas parece compartilhar a mesma concepção da crítica feita anos depois pelo sacerdote, historiador e também filólogo Walter Ong (1912-2003)⁴.

Garibay, portanto, ao afirmar o tal “atentado”, evidencia que a filologia seria uma disciplina limitada para as artes verbais Nahuatl, pois “literatura oral”, em realidade, tratar-se-ia de abordar a produção de povos cujas culturas são de tradição oral tal como as produções impressas que, um dia, foram orais (mitos, as histórias da criação do mundo, etc.). O padre mexicano afirma essa

4 Ong, também com base na etimologia da palavra, alega a contradição em classificar artes verbais ou de escrita não alfabética como literatura: “Temos o termo ‘literatura’, que basicamente significa ‘escritos’ (em latim *literatura*, de *litera*, letra do alfabeto), para cobrir um corpo dado de material escrito, [...], mas não contamos com nenhuma palavra ou conceito similarmente satisfatória para referir-nos à uma herança meramente oral, como as histórias, provérbios [...]. Por isso – ainda que já com uma frequência ligeiramente reduzida –, no passado a crítica engendrou conceitos tão monstruosos como o de ‘literatura oral’” (46-47). Segue a afirmação defendendo que, de forma alguma, escritos de caráter oral devem carregar o título “literatura oral”, pois fazê-lo seria parecido a pensar que “cavalos são automóveis, porém sem rodas”, segundo sua analogia. Para o filólogo estadunidense, e talvez também para Garibay à época, não seria possível descrever um fenômeno primário —a oralidade— com características de um fenômeno secundário —a escrita—, pois o ato incorreria em graves deformações. Ong não sugere, no entanto, nenhum termo genérico. Recorre à expressão “formas artísticas exclusivamente orais”, ignorando o fato de nem todas as culturas pré-hispânicas ou pós-coloniais de tradição oral serem puramente orais, já que as pré-hispânicas contavam com escrita pictográfica e as pós-coloniais vêm se valendo do alfabeto latino para manter vivas suas tradições.

compreensão anos depois, em *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54).

Na referida obra, Garibay expõe um posicionamento completamente distinto ao anterior quanto à aplicação do conceito, originando seu legado literário, como disciplina, para os estudos da cultura Nahua. Afirma: “Los indoctos y los doctos a la violeta se alarman cuando hablamos de literatura en pueblos que no habían llegado al alfabeto fonético. [...]. No era necesaria la escritura para guardar el pensamiento en la antigüedad [...].” (Garibay 11). E complementa: “[...] no solamente para sostener la existencia de una literatura en lengua náhuatl, sino para hacer el conato de escribir un esbozo de su historia” (34).

Em efeito, em sua *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54), Garibay inicia o referido esboço especificando o conceito “literatura”, anteriormente aplicado aos cantos Nahua, com o de “poesia náuatle”. Não foi, tampouco, o primeiro a empregá-lo, mas sim a sistematizá-lo com traduções diretas do náuatle clássico⁵, divulgando e consolidando os *Cantares* como o principal manuscrito representante desse gênero literário. O conceito “poesia” ganha protagonismo posteriormente, na obra *Poesía Náhuatl* (1965), com a tradução dos *Cantares* quase na íntegra.

Em *Historia...*, os *Cantares* são apresentados como o maior exemplo de “poesia lírica”:

5 Identificou-se que, anteriormente a Garibay, o termo “poesia” foi brevemente empregado na obra *Prólogos a la biblioteca mexicana* (1755), do bispo mexicano Juan José de Eguiara y Eguren (1696-1763): “Os mexicanos cultivaram, além disso, a poesia, a retórica, a oratória, a aritmética, a astronomia e outras disciplinas [...]” (62). Já a primeira sistematização do conceito, embora não diretamente do náuatle clássico, é de Daniel Brinton, com a publicação para o inglês em 1887. A constatação é do próprio Garibay (45). As concepções de Eguiara y Eguren e Brinton, no entanto, não se firmaram nos estudos sobre a cultura Nahua como a de Garibay.

Como la fuente casi exclusiva de donde he de tomar mis citas documentales es el Ms. de la Biblioteca Nacional conocido con el nombre de *Cantares mexicanos*, del cual venimos haciendo uso ya ha tiempo en este trabajo, ha llegado el momento de estudiar sus orígenes y naturaleza, como camino a la indagación de su contenido. Y nos limitaremos a él, no porque sea el único, sino porque en sí es suficientemente representativo de cuanto se puede decir de esta poesía y con sus datos tenemos la suficiente base [...]. (Garibay 151)

Garibay dedica-se, então, à análise de trechos do manuscrito em tradução para o espanhol e demonstra algumas características do náuatle clássico que se assemelhariam à poesia lírica da literatura ocidental (classificadas por ele em métrica, procedimentos estilísticos e gênero) levando-o, portanto, a qualificar boa parte dos cantos como poesia lírica pré-hispânica.

Anos depois, em *Poesia Náhuatl*, com a tradução dos cantos do manuscrito quase na íntegra, Garibay mantém a defesa de que boa parte deles se refere à produção de poesia no período pré-hispânico, resumindo seu trabalho anterior:

Al comenzar en este volumen la publicación del más importante manuscrito de poemas nahua quiero hacer una consideración general acerca de lo que fue la poesía y sus modalidades entre los antiguos pueblos que tuvieron por vehículo de su pensamiento la lengua llamada mexicana. [...]. Doy principio ahora a la edición del manuscrito de la biblioteca Nacional de México, el más valioso en esta materia, que se titula *Cantares mexicanos*. (Garibay v)

Para comprovar sua concepção, o padre mexicano organiza seu discurso mediante dois tipos de indícios: externos e internos, segundo suas próprias categorias, os quais se referem a testemun-

hos de colonizadores e características linguísticas similares ao gênero “poesia” do Ocidente, respectivamente.

Garibay afirma que os indícios internos dos cantos em náuatle o levam a categorizá-los como poesia:

De no tener la certeza de que se reúnen en este Ms. textos provenientes de la vieja cultura, perfectamente auténticos, nuestro trabajo se apoyaría en arena. Que, aunque el examen interno de los poemas mismos es el mejor fundamento de su legítimo origen, todavía hay necesidad de ver las bases exteriores que dan validez por sí y, unidas a la crítica interna, hacen perfectamente cierta la autenticidad. (Garibay 153)

No entanto, observa-se em seu discurso que são os indícios externos —os testemunhos dos colonizadores do século XVI— que determinam a concepção proposta em seu estudo, pois os indícios internos elencados consistem apenas em outras aplicações de conceitos da poesia ocidental, comprovando a complexidade de acessar a linguagem dos cantos mediante o náuatle clássico e defender expressamente uma poesia náuatle para os Nahuatl pré-hispânicos.

Em *Historia de la Literatura Náhuatl*, sobre o discurso dos colonizadores, afirma:

Era natural que a todo hombre sereno y atento impresionara la abundancia de manifestaciones literarias de los antiguos mexicanos. Conquistadores y misioneros guardan en sus escritos un resabio de la emoción que les produjo el espectáculo de aquellas danzas colectivas interminables, en que se reunían a miles y cantaban con variados sonos, acompañados de su extraña música de flautas, atabales, tamboriles, sonajas, caracoles y otros instrumentos cuyo nombre no hallaban en su lengua castellana. (Garibay 39-40)

Em *Poesía Náhuatl*, mostra-se ainda mais convicto da existência de poesia no período pré-hispânico com base nos fragmentos dos relatos dos missionários: “pero aquí abundan los testigos de los investigadores primitivos que fueron los misioneros cristianos” (v). Como exemplo deles apresenta uma citação do frei dominicano Diego Durán em *Historia de las Indias la Nueva España e Islas de la Tierra firme* (1583):

Muy ordinario era bailar en los templos, [...] pues todos ellos tenían sus cantores, que les componían cantares de las grandezas de sus antepasados y suyas. [...] En todas las ciudades había junto a los templos unas casas grandes, donde residían maestros que enseñaban a bailar y cantar. (Garibay vi)

Na citação acima, não consta noção ou vocábulo para confirmar a existência de poesia no período pré-hispânico, nesses termos. O emprego do conceito está em outra passagem da obra de Durán, provavelmente conhecida por Garibay, na qual caracteriza os compositores dos cantos como poetas: “Para los cuales cantares había entre ellos poetas que los componían [...]” (Durán 192). A interpretação dos Nahuas como produtores de poesia e, portanto, poetas, provém do período colonial. Garibay, por sua vez, reproduz a concepção missionária de poesia para compreender os manuscritos: “[...] había poetas cantores, como en todas las culturas antiguas” (Garibay vii).

Para legitimar o discurso dos missionários, percebe-se que Garibay estabeleceu uma comparação entre a cultura da Grécia Antiga com o contexto cultural pré-hispânico da Mesoamérica, pois sua explicação consiste em que a expressão pré-hispânica por meio do canto e da dança se manifestava *como* na Grécia Antiga:

Es fácil de ver que todos estos nombres y las realidades que designan no son sino modalidades de las danzas en sí, pero en cada diferente especie de baile va el germen de diversa forma de literatura. No de otro modo acontece en Grecia: la lírica nace del canto sagrado, como nace la comedia y la tragedia de cantos primitivos, nunca separados de bailes, y que, lenta, pero seguramente, van creando los géneros de la literatura poética. (Garibay 84)

Na Grécia Antiga, segundo o classicista Erick Havelock (1933-1988), a poesia tinha como objetivo instruir social e politicamente e, para tanto, utilizava recursos que tornassem possível sua memorização. Preservar a memória cultural consistia em uma tarefa essencial. O ritmo, por exemplo, era fundamental na técnica:

En suma, pues, la concepción platónica de la poesía, aplicada al periodo alfabético en que empezaron a cristalizar en su forma característica las instituciones griegas de la edad clásica, era básicamente correcta. La poesía no era una forma de arte, ni provenía de la imaginación personal; era una enciclopedia, sostenida en esfuerzo común por los “mejores ciudadanos griegos”. [...] Las órdenes que mejor se ejecutaban y que mayor alcance tenían eran las compuestas con mayor eficacia, es decir: poéticamente. De ahí, dentro de ciertos límites, que el liderazgo de la comunidad recayera en quienes poseían mejor oído y mejores aptitudes rítmicas [...]. (Havelock 125)

De modo similar parece haver ocorrido na educação da elite Nahuatl, na qual um dos objetivos consistia em transmitir suas tradições através dos cantos no propósito de constituir uma firme memória do passado e manter a hegemonia sobre o território. Contudo, esse conhecimento provém também de um relato dos missionários, e para Garibay essa seria a prova cabal para uma suposta autenticidade da poesia náuatle.

O método de comparação entre a cultura Nahua e a cultura ocidental utilizado por Garibay foi também um recurso dos franciscanos ao longo do século XVI, caracterizando sua aplicação de conceitos tal como no período colonial. Comparar é traduzir, posto que a expressão de determinada compreensão pode ocorrer mediante termos conhecidos, conforme abordam diversos filósofos da linguagem. A questão encontra-se, mais uma vez, em: quais conceitos são utilizados para dar a conhecer o desconhecido?

No caso dos missionários do período colonial, a comparação implicou a perda de aspectos próprios da cultura Nahua pré-hispânica, sobretudo os considerados idolátricos segundo a doutrina católica. Frei Bernardino Sahagún, por exemplo, utilizou uma série de recursos de comparação no intuito de explicar a natureza do universo nativo, conforme identificou a pesquisadora mexicana Pilar Máynez:

El empleo del adverbio como, del verbo copulativo ser más su atributo y de construcciones de relativo que modifican un núcleo antecedente son los procedimientos sintácticos más comunes para dar idea de correlación entre ambos elementos. [...]. La oración copulativa funciona también en este texto como forma gramatical de predicación y comparación. [...]. Otros dos elementos gramaticales que funcionan también en el *Florentino* como indicadores de equivalencia son: el adjetivo semejante y el verbo parece. Ambos señalan una correspondencia entre el vocablo náhuatl y el hispano. [...]. Tres recursos más de aproximación conceptual se dan mediante el intercambio prácticamente absoluto de las dos unidades; esto es; a través del empleo de la conjunción o, de la traducción de la voz patrimonial introducida con las frases que quiere decir, o bien por la yuxtaposición. (Máynez xliiii)

À exceção do projeto catequético, coincidem as iniciativas de Garibay, como metodologia, com a atitude do frei franciscano, pois ambos empregam termos ocidentais no intuito de conhecer ou dar a conhecer aspectos da cultura. A atitude do padre mexicano para legitimar o discurso missionário não poderia ser diferente, pois considerou os relatos dos franciscanos como relato único e objetivo de interpretação dos rituais cantados e dançados.

Com base no testemunho dos freis, de caráter supostamente universal, e do conhecimento de que os *Cantares* eram cantos, Garibay concluiu que toda expressão de pensamento, na qual ritmo e harmonia acompanham as palavras, recebe o nome de poesia (Garibay 61). Em efeito, na linha de pensamento da poesia moderna ocidental, “la poesía occidental nació aliada a la música...”, segundo Octavio Paz, em razão de suas raízes gregas (Paz 86). Não se pode obviar, além disso, que a música estava relacionada aos mecanismos mnemotécnicos para se preservar a cultura e que, nesta perspectiva, endossam o conceito de poesia para os cantos Nahua dos *calmecac*, centro de educação da elite Nahua.

Os indícios internos, por sua vez, os quais Garibay afirma comprovarem a autenticidade dos “poemas”, não se diferem da aplicação de conceitos provenientes do *locus* cultural do ocidente. Entretanto, ainda que se utilize deles para fins de explicação, em todos os exemplos apresentados Garibay não explicita em que consiste o caráter peculiar e/ou genuíno da língua dos Nahua, parecendo querer convencer o leitor somente por suas declarações. Isso aponta para que sua análise se refira à aplicação forçada do discurso missionário, pois a atitude responde mais ao projeto de valorização das culturas originárias da época do que ao texto em náuatle em si.

Em *Historia de la Literatura Náhuatl*, Garibay apresenta e discute os indícios internos da chamada poesia náhuatl por meio de exemplos traduzidos, afirmando através deles que se tratam dos procedimentos linguístico-literários do texto em náuatle. Esses,

por sua vez, autenticariam a existência de poesia no período pré-hispânico. Essa maneira de apresentação, em efeito, seria a única possível haja vista o desconhecimento do náhuatl pela maioria das pessoas. No entanto, expomos aqui que os indícios internos da “poesia náuatle” de Garibay não foram devidamente comprovados como peculiares da língua dos Nahua, sendo o conceito de “poesia” sustentado somente a nível do discurso e por meio de sua tradução para o espanhol.

O próprio Garibay admite a falta de profundidade de seu estudo no início de seu trabalho na *Historia*: “No perderemos aquí el tiempo en probar la existencia de la poesía en los pueblos de habla náhuatl. [...]. Si después de la lectura de ellas un lector en su juicio no queda convencido de la existencia de la poesía, lo dejaremos tranquilo en sus vanas convicciones” (Garibay 60). A afirmação indica que, apesar de Garibay haver entrevisto algo peculiar na linguagem dos cantos, suas explicações não foram suficientemente profundas, resultando na aplicação de conceitos externos sem o aprofundamento esperado para comprovação de sua concepção de poesia para os Nahua.

Os indícios internos foram classificados por Garibay em três categorias: métrica, procedimentos estilísticos e gênero, nesses termos, os quais foram sistematizados sob a forma de quadro nesta tese para sua análise⁶. Neste artigo, serão tratados apenas os procedimentos estilísticos. A base desses indícios internos, inicialmente, diz respeito à língua náuatle por si só. Afirma Garibay: “con alfabeto o sin él, la lengua náhuatl tiene dotes que la capacitan para la expresión literaria propiamente dicha” (Gari-

6 Vide apêndice D de minha tese doutoral, no qual apresento uma amostra da análise de cada uma das características da poesia náuatle relacionadas por Garibay no capítulo I de sua *Historia de la Literatura Náhuatl*, em “Generalidades sobre la poesía” (59-106). Nesta amostra, são sistematizadas cada uma das características a partir dos exemplos em náuatle, quando possível, e de suas respectivas traduções de Garibay para o espanhol.

bay 17), defendendo que os referidos dotes são tão próprios da cultura Nahua que chegam a ser “totalmente estranhos”, em suas palavras, às características linguístico-literárias do espanhol do século XVI:

Los procedimientos estilísticos descritos en el capítulo I de esta primera parte de mi estudio son totalmente extraños a la mentalidad y uso de las letras españolas de aquella centuria. Las formas de paralelismo, difrasismo, ritornelos, estrofas apareadas, etc., no se hallan en los autores castellanos [...]. Todo es exótico, como puede comprobar con cualquier ejemplo que se tome al azar, de los muchos que en este libro se aducen. (Garibay 158)

A afirmação de Garibay é discursivamente intrigante para os interessados em aprofundar-se na cultura dos Nahua por sua própria língua. No entanto, ele não comprova de maneira contundente nenhum dos procedimentos estilísticos como particular à língua dos Nahua.

O quadro a seguir (**Tabela 1**) sistematiza cada um deles com as definições do padre mexicano:

Tabela 1. Procedimientos estilísticos do náuatle, segundo Garibay.

Procedimiento Estilístico	Definição de Garibay em <i>Historia de la Literatura Náhuatl</i>
Paralelismo	No es un fenómeno propio de esta lengua, dado que lo hallamos bien comprobado en las más disimilares literaturas. Consiste en armonizar la expresión de un mismo pensamiento (sinonímico) que, o contraponen dos pensamientos (antitético), o completan el pensamiento, agregando una expresión variante, que no es pura repetición (sintético) (65).
Difrasismo	Hay un procedimiento estilístico que he llamado “difrasismo”, para poder referirme a él con facilidad, y que consiste en aparear dos metáforas , que juntas dan el simbólico medio de expresar un solo pensamiento (19).
Estribilho	Recurso de expresión estilística casi de existencia universal en las literaturas , se funda en el anhelo de imprimir un pensamiento, repetido al fin de cada una de las partes del poema (68).
Palavras broches	Explicaré ante todo el nombre con que designo este original recurso poético, no exclusivo por cierto de esta literatura. [...] consiste en la repetición de ciertas palabras destacadas que enlazan un desarrollo lírico con otro en dos secciones, y a veces más, del poema. Él llama a esta forma incluso; más tarde, principalmente en autores franceses, se llama sistema de palabras broches (71).
Obscuridade impenetrável	Lo que hay es un modo de lenguaje poético que no puede ser captado sino a costa de grandes reflexiones y tanteos. [...] Innegable es que muchos poemas tienen varios sentidos. Lo sumamente difícil y aventurado es tratar de fijar los sentidos que tienen (74).

Elaborada pela autora, 2021.

Tabela 1. Procedimentos estilísticos do náuatle, segundo Garibay (continuación).

Procedimento Estilístico	Definição de Garibay em <i>Historia de la Literatura Náhuatl</i>
Metáfora	La metáfora es la madre de toda belleza. En esencia viene a ser el núcleo de toda poesía, ya que ésta no se funda sino en el enlace analógico de las cosas, y este enlace se expresa mediante las metáforas. [...]. Un estudio detenido de la técnica de la metáfora en estos poemas será de utilidad para su comprensión. No es éste el sitio de ensayarlo (76).
Formas litúrgicas	En los poemas religiosos principalmente hallamos un medio de expresión poética que hay que mencionar al menos. Le doy el nombre de formas litánicas, por su similitud con modalidades de otras religiones. A una frase que varía constantemente corresponde una terminación en que se repite constante un mismo pensamiento (76-77).
Interjeições ou palabras privadas de significação	En los fragmentos que aun existen, hay versos que en medio de las voces significativas tienen ciertas interjecciones o sílabas privadas de significación, que sólo sirven para ajustarse al metro, mas quizás éste era un abuso de que sólo echaban mano los poetastros (77).
Indicações de ritmos musicais	La significación de las sílabas y su traducción a notación nuestra es materia que toca a los músicos (80-81).
Licenças e estranhezas na formação de palabras e a tendência ao hermetismo em algumas construções e dicção enfática	Omito algunas particularidades más en el dominio de la pura forma, por no alargar demasiado un trabajo que, a pesar de sus dimensiones, es solamente un sumario. También porque estas modalidades son comunes a toda poesía antigua y moderna. Para mencionarlas siquiera, serían el lenguaje arcaico y refinado, las licencias y rarezas en la formación de las palabras y en algunas construcciones, la tendencia al hermetismo y la dicción enfática, etc. Fenómenos que, o son generales y no exigen un especial cuidado, o bien pertenecen mejor a la historia de la lengua que a la de la literatura (81).

Elaborada pela autora, 2021.

De acordo com as definições acima de Garibay, nota-se em negritos meus que os referidos procedimentos estilísticos relacionados não informam a respeito do que declarou ser de caráter singular do náuatle pré-hispânico ou de formas completamente diferentes. Em realidade, seu discurso —em grande parte sintético— apresenta-se como se não houvesse penetrado de fato na língua dos Nahua, pois suas definições e os fragmentos traduzidos não explicam o que é “estranho”. Como tradutora de cantos dos *Cantares*, confirmo o chamado “exótico” da linguagem dos cantos, mas não com o mesmo termo, por ser um aspecto de difícil explicação. Isso se justifica, segundo meu trabalho de tradução, em razão do náuatle clássico via artes e vocabulários legados pelos freis ser insuficiente para apreender essa linguagem, considerada idólatra e descartada em favor do projeto de catequização.

Apresento alguns exemplos de Garibay para os procedimentos estilísticos. Para o paralelismo, ofereço um trecho do canto da folha 19v dos *Cantares*, sem acompanhamento do texto em náuatle, inserido no quadro a seguir (**Tabela 2**) no âmbito de minha análise de seus indícios internos:

Tabela 2. Exemplo de paralelismo

Trecho em náuatle dos <i>Cantares</i> (fl. 19v)	Trecho em espanhol (Garibay 66)
Amoxtli in cueponi ye no huehueuh huiya cuicatl notlatol aya xochitl in notlayocol [...]	Libro que brota flores es mi atabal, canto es mi palabra, flor mi pensamiento [...]

Elaborada pela autora, 2021.

A única explicação para o fenômeno por Garibay é a seguinte: “Creo que bastan los anteriores ejemplos para la clara percepción de la naturaleza de este recurso estilístico” (Garibay 67). Isto é,

para os leigos em náuatle, a análise depende exclusivamente da tradução, sobre a qual ele não apresenta nenhuma reflexão sistematizada, dando como entendida a relação entre o canto, a flor e o livro, cujo paralelismo se mostra pelo conhecimento cultural dos Nahuas. Em termos linguísticos associados à cultura, contudo, não comprova singularidades à língua dos Nahuas conforme anuncia.

Para o estribilho, exemplo apresentado no quadro abaixo (**Tabela 3**), também não expõe nada característico da língua dos Nahuas:

Tabela 3. Exemplo de estribilho

Trecho em náuatle dos <i>Cantares</i> (fl. 21v)	Trecho em espanhol (Garibay 68)
In canon in huitza ya yectl' on cuicatl y in nocon ya temoa hui hue ninotolinia ma nen on cuica ohuaya ohuaya Can niquittaz a moxochiuh ipalnemoa huihue ninotolinia etc.	Yo busco cantares allá donde vienen: ¡Ah, mísero de mí, que no cante yo en vano! ¿Dónde veré tus flores, oh Autor de la vida? ¡Ah, mísero de mí, que no cante yo en vano!

Elaborada pela autora, 2021.

A repetição dos versos, conforme aparecem duas vezes “¡Ah, mísero de mí, que no cante yo en vano!”, também ocorre nos cantos acima como nas outras literaturas. Garibay não apresenta nenhuma explicação.

Do mesmo modo acontece com todos os outros procedimentos estilísticos elencados, como o difrasmismo e as formas litúrgicas, presentes em outras línguas, e outros não definidos precisamente por Garibay: obscuridade impenetrável, interjeições ou palavras privadas de significação, indicações de ritmos musicais, licenças, estranhezas na formação das palavras, tendência ao hermetismo em algumas construções e dicção enfática, os quais re-

velam muito pouco sobre a língua dos Nahuas ou mesmo a falta de compreensão de Garibay ao intitulá-las de “obscuras”, “privadas de significado”, “estranhas” e “herméticas”. Em resumo, os indícios internos que Garibay afirma comprovarem a existência de poesia no período pré-hispânico somente apresentam características da literatura europeia, tornando vaga sua concepção de “poesia náuatle” a partir de formas peculiares segundo defende.

Infere-se do trabalho de Garibay que, como tradutor, identificou uma linguagem diferenciada nos cantos em náuatle clássico. No entanto, seu discurso é contraditório por não afirmar *que* carácter peculiar encontrou no processo de tradução, resultando tanto na aplicação de conceitos ocidentais os quais, em efeito, são universais como a metáfora, como também na enumeração de outros procedimentos cuja explicação não aporta em termos de linguagem, como “estranheza” e “obscuridade”. Sua análise aponta para a complexidade de conhecer a cultura dos Nahuas por meio do náuatle clássico, pois a escassez de informações de linguagem provenientes dos missionários, e sobretudo em relação aos cantos tradicionais, considerados idolátricos, dificulta o acesso a essa tradição oral em específico. A concepção de poesia náuatle, portanto, deveria ser considerada somente como hipótese ou como forma de tornar compreensível um conhecimento, como parte de um projeto de divulgação literária, conforme resgatou do discurso do padre o pesquisador mexicano Víctor Manuel Hernández: “Garibay se considera un simple divulgador, y de los más simples, siempre invitando, a sus jóvenes lectores, a la búsqueda y profundización de los datos. Esa es una máxima que aplica a sí mismo, en 1953 [...]” (284). De acordo com os críticos do conceito, a noção de poesia náuatle deveria ser analisada no âmbito do período histórico e biografia do padre mexicano⁷, e

7 A pesquisadora Gertrudis Payàs, pioneira na análise do discurso de Garibay desde o ponto de vista da tradução, aponta o cristianismo e o humanismo

acrescento também a partir de questionamentos linguísticos formulados por meio da tradução.

Em efeito, de acordo com o panorama indigenista de Villoro, a concepção de “literatura náuatle” de Garibay, em vigor até os dias atuais, inserir-se-ia na tendência de pensamento indigenista que, para exaltar os aspectos culturais originários, acaba os ocidentalizando com vistas a sua integração na sociedade mexicana:

[...] por un lado, hay que conservar lo propio y original del aborigen, por el otro es indispensable acercarlo a nosotros, hacerlo progresar para que abandone su nocivo alejamiento. Parece, por un lado, que para conservar la originalidad y peculiaridad de lo indígena, habríamos de dejar que permaneciera sumido en sus hábitos y modos de vida primitivos, en su naturalismo ingenuo, en sus ideas bárbaras y, en muchos aspectos, nocivas; hasta habrá quien proponga retrotraer al indígena a su cultura y vida precolombinas. Tal exigiría el respeto a la peculiaridad del indio y la necesidad de su liberación de toda cultura extraña, si llevamos esta pretensión hasta su extremo. Pero, por otro lado, resulta evidente que el progreso material y espiritual del indio exige que asimile los valores más adelantados de la cultura occidental. (Villoro 212)

A aplicação do termo “literatura” para a tradição oral e de escrita pictográfica dos Nahuas, por conseguinte, devido ao viés ocidentalizante, foi e ainda é motivo de discussão e muitas críticas tanto

como justificativa da abordagem do padre mexicano: “Garibay is a Christian Humanist: [...]. This unifying vision is also visible in the prefaces to his Greek translations, as well as in his commentaries to Nahuatl texts, where he upholds the universal values of poetry and predicates convergences between Greek, biblical and Hindu traditions. But, above all, he admires classical Greek culture: [...]. It is only natural, therefore, that this would be the ‘universe of representation’ dominating his translation work” (546).

no México como internacionalmente, como foi o caso do linguista estadunidense John Bierhorst, tradutor dos *Cantares* na íntegra para o inglês (1985)⁸.

A maioria dos críticos de Garibay questiona sua concepção por estar inspirada na prática missionária, a qual utilizou um modelo alheio, o ocidental, para interpretar e qualificar os aspectos culturais originários segundo o projeto catequético. Segundo o pesquisador mexicano Heriberto Yépez, por exemplo, o conceito “literatura” empregado aos textos em náuatle sustentam um viés colonizador que não corresponde à valorização da cultura Nahua:

Bajo el rubro “literatura indígena” en realidad se ha creado una falsa alteridad. Tanto las fuentes canonizadas como la perspectiva que se utiliza para mediarlas, reflejan el proyecto de mantener la voz-otra presuntamente literaria-nahua como un relato complementario (y no radicalmente opuesto) al discurso europeo. Para validar este discurso (y las instituciones que mantiene), fue necesaria la invención del concepto de “literatura indígena” que ya se ha canonizado y que seguramente será muy difícil deconstruir, abolir o superar. (Yépez 63)

Nessa visão, essa conceituação iguala-se às atitudes dos missionários dado que avalia positivamente a produção cultural dos

8 Bierhorst direciona suas críticas a Garibay no que diz respeito à aplicação do conceito “poesia” como tradução do difrassismo ‘*in xochitl in cuicatl*’: “In recent years the xochitl/cuicatl of the *Cantares mexicanos* has been repeatedly defined as poem or poetry. But the definition appears to have been invented by the late Angel M. Garibay and, so far as I am aware, has no other authority. Although it is entirely proper from a modern point of view to speak of the Cantares as poetry and to regard the old singers as poets, the definition “Xochitl/cuicatl = poetry” is a flaccid concept at best and worst a misnomer” (17).

povos originários somente quando equivalentes ou similares à tradição europeia. León-Portilla, apesar de não formar parte desse conjunto de críticos, ratifica a atitude de Garibay, seu orientador de doutorado e mestre: “al igual que sus predecesores, los misioneros humanistas del siglo XVI, él también aunó sus labores eclesiásticas con el interés por comprender el alma indígena [...]” (León-Portilla 346).

Por um lado, os argumentos dos críticos procedem ao pensar que, para valorizar o passado Nahua, se deveria traduzi-lo desde sua própria cosmovisão e conceituação e não nos termos do modelo ocidental. Por outro lado, deve-se ter em conta que a concepção de Garibay também responde a seu viés católico e humanista, bem como a um projeto nacional mexicano de valorização necessária de seu passado pré-hispânico da época para configuração de sua(s) cultura(s). Somada ao ponto de vista da filologia, disciplina que abarcava o estudo de documentos antigos também da época, talvez não fosse epistemicamente viável a elaboração de outro conceito para aproximar-se a um conteúdo que, em categorias Nahua genuínas, seja inalcançável devido ao projeto colonial.

Em efeito, vale ressaltar que os mesmos críticos, até o momento, não forneceram nenhum conceito desde a cosmovisão Nahua. Isso porque não é um exercício fácil a introdução de novos termos para definir genuinamente aspectos culturais dos Nahua ou de quaisquer outras culturas originárias. Deve-se levar em consideração as reais possibilidades de se aproximar desse amplo complexo cultural fora do paradigma ocidental posto que boa parte da língua-cultura atravessou o filtro da colonização e o conhecimento da linguagem em relação a seu entorno cultural foi limitado pelos missionários. Seguindo a lógica dos críticos, o ideal para a conceituação seria referir-se às artes verbais cantadas com o termo em náuatle, *'cuicatl'*, mas esse emprego tampouco asseguraria uma visão puramente Nahua haja vista seu conhe-

cimento por meio do projeto missionário de catequização. Além disso, sua tradução por “canto” nem sempre envolve a performance com a qual se constituía um ritual Nahua.

A meu ver, a problemática quanto ao conceito empregado nas produções artísticas e orais dos Nahua seria mais profícua se tratada desde o ponto de vista da tradução e não desde o modelo colonial aplicado. Sem desmerecer o viés das críticas recorrentes, através da tradução se poderia apresentar discussões ainda mais complexas e orientadas para a questão em si. A tradução é um problema conceitual em si mesmo, pois lida com a linguagem, meio no qual se ordenam as etapas de entendimento entre as línguas e assim, promove o conhecimento sobre culturas. Nesse sentido, a discussão poderia voltar-se para quão possível seria elaborar um conceito para aspectos culturais Nahua pré-hispânicos, vindo à tona um problema de língua: a configuração do náuatle clássico desde o projeto de ‘colonização do imaginário’ pelos missionários, utilizando a expressão de Gruzinski. Isto é, como reconhecer a cosmovisão dos Nahua pré-hispânicos via o náuatle clássico, uma língua moldada para catequizar?

Sendo assim, com relação ao emprego do conceito por Garibay, constato que, de acordo com seu discurso, não há comprovação da existência de uma poesia náuatle, mas de uma poesia *em* náuatle, pois a linguagem dos Nahua não foi decodificada no projeto de catequização e, atualmente, não é possível acessá-la pelas artes e vocabulários dos missionários por não abarcarem sua natureza qualificada como idolátrica. Poesia *em* náuatle, por sua vez, pressupõe a literatura pré-hispânica que foi reconfigurada no chamado náuatle clássico, transmitindo a ideia de um material não genuíno na íntegra tal como a língua dos Nahua, problematizando a formulação de conceitos para além das aplicações provenientes de outros *loci* culturais.

No tocante às críticas a Garibay, ao mesmo tempo inclino-me à certa defesa do padre mexicano, pois o fato é que ele realizou

um importante trabalho de tradução e crítica dos manuscritos em náuatle clássico e deu origem a uma linha de pesquisa dentro dos estudos sobre a Mesoamérica, possibilitando a inserção de outras áreas do conhecimento relativas à linguagem que não a filologia. As críticas são pertinentes, as quais subscrevo, mas não se deveria invalidar o trabalho de Garibay, um trabalho de divulgação literário-cultural e não de viés acadêmico, como se tem feito no México e outros países nos últimos anos. Em razão de suas traduções foi possível o conhecimento do conteúdo dos textos coloniais, permitindo a realização de inúmeras investigações dentro e fora do meio acadêmico e motivando diversas discussões dos conhecimentos presentes neles.

O problema se centraria, conforme afirmado, na visão de Garibay de que a linguagem “especial”, “estranha” dos cantos Nahuatl seria acessada direta e integralmente por meio do náuatle clássico, uma língua reconfigurada para catequizar. As letras dos cantos dos *Cantares* possivelmente são fragmentos das letras pré-hispânicas, mas as artes e vocabulários são insuficientes para acessar sua linguagem originária, sua cosmovisão, por abarcarem a visão colonizadora dos missionários que a considerou idólatra e, portanto, a descartou desses documentos que, por suas próprias características, representam apenas um recorte da realidade. Por certo, o próprio Garibay revela, em sua aplicação do conceito “poesia” para os *Cantares*, os limites da explicação da linguagem dos cantos, para o qual seria necessário, minimamente, um estudo junto às localidades que ainda preservaram oralmente tradições pré-hispânicas.

Referências

- Bierhorst, John. (1985). *Cantares mexicanos. Songs of the aztecs*. Stanford: Stanford University Press.
- Cantares mexicanos* [manuscrito]. In: MS 1628 bis. Cidade do México: Biblioteca Nacional de México, 85f.
- Cantares mexicanos*. (2011). Paleografía, traducción y notas Miguel León-Portilla. Cidade do México: UNAM, Coordinación de Humanidades, Instituto de Investigaciones Bibliográficas, Instituto de Investigaciones Filológicas, Instituto de Investigaciones Históricas, Fideicomiso Teixidor.
- Durán, Diego (Frei). (1581). *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra firme*. Edição preparada por Ángel María Garibay K. Tomo I. Cidade do México: Porrúa.
- Eguiara y Eguren, Juan José. (1755). *Prólogos a la biblioteca mexicana*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.
- Florescano, Enrique. (1990). “La nueva imagen del México antiguo”. *Revista Vuelta*. Cidade do México [acessado em 29 outubro de 2021].
- Garibay Kintana, Ángel María. (1937a). *Ábside*. *Revista de Cultura Mexicana*. Cidade do México, n. 2, p. 11-23.
- _____. (1937b). *Ábside*. *Revista de Cultura Mexicana*. Cidade do México, n. 4, p. 49-56.
- _____. (1939). *Ábside*. *Revista de Cultura Mexicana*. Cidade do México, n. 8, p. 11-26.
- _____. (1940). *Poesía indígena de la Altiplanicie*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- _____. (1953-54) (2007). *Historia de la Literatura Náhuatl*. Cidade do México: Porrúa.
- _____. *Poesía Náhuatl* (1965-68). Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Historia, Seminario de Cultura Náhuatl.
- Havelock, Eric A. (1994). *Prefacio a Platón*. Tradução desconhecida. Madrid: Visor.
- Hernández Torres, Víctor Manuel (2004). “Ángel María Garibay Kintana: la vida sencilla”. In: Saladino García, Alberto. *Humanismo mexicano del siglo XX*. Toluca, Universidad Autónoma del Estado de México, p. 281-292.
- Herr Solé, Alberto. (1992). “El archivo Ángel María Garibay Kintana de la Biblioteca Nacional”. *Revista Estudios de Cultura Náhuatl*. Cidade do México [acessado em 25 de abril de 2018].
- León-Portilla. (2017). *Humanistas de Mesoamérica*. Cidade do México: FCE, El Colegio Nacional, INAM, IHH.
- Lockhart, James. (2019). *Los nahuas después de la Conquista. Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVII*. Tradução de Roberto Reyes Mazzoni. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica [1992].
- Máynez, Pilar. (2002). *El Calepino de Sahagún. Un acercamiento*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica.

- Medina, Andrés. (2000). *En las cuatro esquinas, en el centro*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Antropológicas.
- Ong, Walter J. (1982) (2016). *Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*. Tradução de Angélica Scherp, Cidade do México: FCE.
- Payàs, Gertrudis. (2004). "Translation in Historiography: The Garibay/ León-Portilla Complex and the Making of a Pre-Hispanic Past". *Revista Meta*. Montreal, v. 49, n. 3, p. 544-561.
- Paz, Octavio. (2018). *El arco y la lira: El poema. La revelación poética. Poesía e historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica [1956].
- Villoro, Luis. (2018). *Los grandes momentos del indigenismo en México*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica [1950].
- Yépez, Heriberto. (2018). *La colonización de la voz: la literatura moderna, Nueva España, el náhuatl*. Cidade do México: Axolotl editorxs.